dizemos que se trata de uma pessoa cisgénero.

Ainda em relação ao género, há que abordar a expressão de género, que corresponde ao conjunto de atributos que podem, ou não, ter relação direta com processos de (des)identificações de género e incluem o vestuário, acessórios, corporalidade, postura, a maneira de falar, entre outros. A expressão de género, tal como a identidade de género e as características sexuais, começou por ser entendida de forma binária e essencialista. Contudo, é importante frisar que existe uma grande variabilidade de expressões de género que não fazem uma ligação direta com as expetativas normativas (menino que usa saia e gosta de maquilhagem, por exemplo).

Uma definição apresentada para a orientação sexual é a de um padrão de atração afetiva sexual e romântica de acordo com o género, tipicamente categorizado em homossexual (atração por pessoas do mesmo género), heterossexual (atração por pessoas de género diferente), bissexual (atração por pessoas de um ou de outro género), pansexual (atração por pessoas, independentemente das suas atribuições e identificações de sexo ou género) ou assexual (não sente atração sexual por outras pessoas, independentemente das suas atribuições e identificações de sexo ou género). É sugerido por alguns estudos que a orientação sexual terá um caráter bastante mais dinâmico e fluído para algumas pessoas do que aquele concebido por esta categorização. Para outras, ela é vivida de uma forma mais constante ao longo da vida, construindo uma identidade sexual em torno dela.

O heterossexismo refere-se à promoção de um modelo heterossexual em detrimento da diversidade humana em termos de orientação sexual, através de um conjunto de valores e crenças cultural e socialmente partilhados. O heterossexismo é uma construção política em torno da heterossexualidade, agregando a esta um conjunto de diretivas – nomeadamente, estereótipos de género, sexismo e intolerância face às vivências trans –, mas também de privilégios legais e sociais, a par da desqualificação das vivências que não se enquadrem na heterossexualidade. Fala-se de heteronormatividade para referir situações em que a heterossexualidade é tida como norma(l) e esperada – de que é exemplo assumir, até indício em contrário, que dada pessoa é heterossexual –, colocando as não-heterossexualidades na ordem do estranho e do desvio.

Homofobia e transfobia, por seu lado, significam uma atitude negativa face, respetivamente, a pessoas homossexuais e a pessoas trans. Como enunciado no primeiro capítulo, desde a infância que o processo de socialização de género é feito com uma desqualificação da não-heterossexualidade – da qual resulta, por exemplo, um conjunto de insultos LGBTfóbicos muito conhecidos –, e face a essa experiência precoce e quotidiana, as pessoas LGBTQIA+ vão encontrando mecanismos internos e sociais que possibilitem rejeitar esse insulto para si mesmas (afirmar-se e poder contrapor-lhe o Orgulho), no movimento oposto ao do processo de integrar a desqualificação na sua identidade (homofobia ou transfobia internalizada).

(1) Informação elaborada pelo projeto Kinder, desenvolvido pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.



Conceitos-chave sobre diversidade sexual e de género

men talks
NO BULLY PORTUGAL
ces Centro de Estudos Sociais Universidade de Coimbra
LISBOA CÂMARA MUNICIPAL
BIP ZIP BAIRROS e ZONAS de Intervenção Prioritária de Lisboa

Conceitos-chave sobre diversidade sexual e de género (1)

Quando nos referimos a diversidade sexual e de género em ambientes escolares falamos de reconhecimento, aceitação e celebração da diversidade de identidades sexuais e de género e expressões e género de crianças que podem, por exemplo, identificar-se com um sexo/género diferente daquele que lhes foi atribuído à nascença ou que podem não se encaixar nos papéis tradicionais de género. Isso inclui apoiar crianças transgénero, não binárias ou gender nonconforming (pessoa cujo comportamento ou aparência não está de acordo com as expectativas culturais e sociais predominantes sobre o que é apropriado para seu género), bem como criar um ambiente acolhedor e inclusivo para todas as crianças, independentemente de sexo ou género. Abrange também pessoas que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, transgénero, queer, em questionamento, intersexo, assexuais e muito mais.

Sexo biológico é um conjunto de características biológicas e morfológicas que historicamente têm sido utilizadas para definir e distinguir seres humanos de forma binária (menino/menina; homem/mulher), apesar de existir uma grande diversidade humana a este nível. Cerca de 1% da população apresenta um conjunto de características sexuais que não encaixam no que é expectável das categorias binárias de sexo/género atribuídas à nascença. Estamos a falar de pessoas intersexo. Por exemplo, algumas pessoas intersexo nascem com genitais atípicos. Outras possuem cromossomas XX e têm pénis e testículos, ou cromossomas XY e têm vulva e vagina. Algumas variações intersexo são visíveis no momento do nascimento, enquanto outras não são aparentes até à puberdade. Outras podem não ser fisicamente aparentes. A classificação do sexo biológico ultrapassa, portanto, a observação dos órgãos genitais. Devem também considerar-se os cromossomas (XY, XX ou outras combinações), gónadas, ou órgãos que produzem células sexuais (testículos ou ovários), hormonas (testosterona, estrogénio), entre outros aspetos.

O género, por sua vez, é composto por normas, isto é, expectativas sociais que prescrevem comportamentos, vestuários, atitudes, pensamentos, corporalidade, relacionamentos, entre outros.

O sexo atribuído à nascença não define nem determina uma futura identidade ou identificação de género, expressão de género ou vivência da sexualidade. No entanto, a atribuição de sexo/género à nascença dita o início de um percurso pré-determinado pelas expectativas do sistema de sexo e de género de uma vivência cisheteronormativa (de acordo com o sexo/género que lhe foi atribuído à nascença e orientando os seus afetos e atração para pessoas de um género diferente).

A identidade de género pode ser concebida como o reconhecimento de si como mulher/menina, homem/menino, ou outros posicionamentos de género, independentemente do sexo que lhe foi atribuído à nascença e a forma como foi socializada em termos de género. Por exemplo, travesti (no sentido de híbrido masculino-feminino) ou não-binário. De acordo com as culturas, o género pode ser concebido como um constructo binário (nomeadamente, com categorias mutuamente exclusivas de feminino e masculino) ou incluir outras conceções (por exemplo, as hijras no subcontinente indiano; muxes em Oaxaca, México, kathoey na Tailândia, two spirit people nos Estados Unidos da América e Canadá). Alguns estudos nos Estados Unidos e também em Portugal têm já visibilizado uma porção da população que não se identifica nem como homem nem como mulher.

A expressão "pessoas transgénero e gender nonconforming" – ou mais simplesmente, pessoas trans – nomeia todas as pessoas cuja identidade de género não corresponde por completo ao sexo que lhes foi atribuído ao nascimento, incluindo pessoas que se identificam de modo binário (pessoas transexuais) e não-binário (travestis, pessoas não-binárias, crossdressers, termos que podem ser consultados no nosso glossário e nos recursos que deixamos no final do capítulo). Algumas pessoas trans apresentam um marcado desconforto relativo ao seu corpo e procuram terapêuticas hormonais e cirúrgicas, outras alteram o seu nome civil e social, sem recorrer a outros procedimentos. A identidade de género habitualmente estabelece-se na infância, contudo, algumas pessoas tomam consciência de uma vivência trans apenas na adolescência ou idade adulta. Quando a identidade ou identificação de género de uma pessoa corresponde ao sexo/género binário que lhe foi atribuído à nascença